

A CLASSE TRABALHADORA NO CONTINENTE DO HORROR: A REPRESENTAÇÃO DA LUTA DE CLASSES NO CINEMA DE HORROR NORTE AMERICANO (1968-2020).

GILSON MOURA HENRIQUE JUNIOR;
LARISSA PATRON CHAVES

Programa de pós-graduação em História- UFPEL – gilsonmhjr@gmail.com
Programa de pós-graduação em História- UFPEL – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Horror ficcional fez-se um gênero durante o mesmo período em que se deu a conceituação de classe e luta de classes como motor da história. Para esta pesquisa partimos da perspectiva de que classe é um fenômeno histórico cuja formação nos diversos contextos históricos necessita deve ser entendida como relação histórica em que classe se dá a partir de um resultado de relações e experiências comuns entre indivíduos que compartilham, sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e cuja consciência se dá contra outros indivíduos que têm demandas diferentes e geralmente opostas aos seus (THOMPSON, 1987).

A sociedade e as classes passaram por mudanças culturais que impactaram a perspectiva de tempo, corpo e a ideia de trabalho, principalmente a partir do século XVIII. O Horror como gênero ficcional, dialoga com estas transformações e debates que discutem a natureza e produzem um controle da imaginação investigativa, modificando o olhar sobre o mundo, separando elementos culturais entre naturais e sobrenaturais, o que deveria ser parte deste mundo e o que deixava ser, e é na ficção que o sobrenatural passa a viver (BRAGA, 2020).

As mudanças culturais fazem parte das transformações das percepções tradicionais da vida e do tempo que disciplinaram o trabalho, o viver e o comer (THOMPSON, 2013). O Horror explora as ansiedades culturais e tensões sociais de cada época, projeta alegoricamente os medos reais no espaço controlado do cinema, mas do século XVIII até meados do século XX excluía a representação da classe trabalhadora como protagonista. No cinema, esse processo ganha um novo significado quando George Romero produz e dirige “A Noite dos Mortos Vivos” (1968), inaugurando uma nova era no gênero, ao abordar o racismo e a violência racial, tirando estes temas das entrelinhas dos enredos (PHILLIPS, 2012).

Romero amplia os movimentos cinematográficos já presentes nos anos 1960 na violência gráfica dos filmes *splatter*, além de excluir a narrativa do controle da razão, juntando a incerteza da relação dos personagens com a realidade da ficção com uma linguagem ultra naturalista, move o cenário das mansões e castelos para um universo seco, de ruptura abrupta, com horrores concretos e construídos em rompimento da urdidura do tecido da normalidade, sem fantasiar a violação dos corpos, a quebra da segurança do lar e do cotidiano do trabalhador, subvertendo regras naturais pelo ultra realismo, rompendo a “constante distância que existe entre o sujeito e o real” (BESSIÉRE apud ROAS, 2014, p.47).

A análise da representação da classe trabalhadora na cinematografia de Horror dos EUA de 1968 até 2020 percebe a obras de George Romero como marco

e as de John Carpenter e Jordan Peele como novos marcos dentro da linha narrativa classista, trabalhos chave de uma guinada classista que avança do cinema independente até o cinema *mainstream* e que põs as identidades de classe como protagonistas na tela. Como problemática, temos a relação entre essas produções e o trânsito de influências entre fronteiras cronológicas, geográficas e culturais que migram pelas estradas dos signos para identificar como as representações se organizam em relação às diferenças de classe das diferentes sociedades a partir de seus medos. Nossa hipótese é que esta cinematografia de Horror representa uma percepção de classe e coloca de forma ficcional debates políticos referenciados na luta de classes.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a da análise de conteúdo a partir de uma concepção que usa um leque de apetrechos teóricos para uma averiguação das representações da Classe no cinema de horror, com maior ou menor rigor, por uma conjunção de técnicas de análise de comunicações (BARDIN, 1977, p.31).

Produzindo uma análise de indícios para construir de forma conjectural quadros verossímeis a respeito da fontes, pela própria característica do conhecimento histórico como indireto, analisando a história geral do Horror e depois a perspectiva fílmica, com a análise do processo de produção e de fotogramas, percebemos cada sinal e cada indício como elementos para ultrapassar as lacunas de uma fonte como espelho de uma realidade opaca (GINZBURG, 1989, p.177). A organização sistemática dos indícios dentro de uma análise do quadro geral segue o conceito da experiência de classe construída a partir das relações de produção na qual indivíduos organizam em termos culturais suas tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais, esta experiência é o mecanismo pelo qual a classe tem consciência de si mesmas (THOMPSON, 1987, v. 1, p.10). A consciência de sensibilidades em comum, partilhadas de forma em que espaços e tempos, tipos de atividades e outros elementos comuns de percepção estética e cultural se divide entre membros da classe em estética própria a cada contexto e lugar definindo o que está em jogo no aspecto político dessa experiência (RANCIÈRE, 2009, p.16). Partindo relação da técnica com a produção de conhecimento e de consciência de seu tempo (GINZBURG, 1989, p. 73), enxergamos relação análoga à definição da guinada classista, e que as novas técnicas cinematográficas, o cinema, o mercado de consumo dividido em gêneros permitiu uma partilha do sensível a partir de uma perspectiva de classe, formando obras que se conformam como fornecedores de uma gama enorme de informações a respeito da mentalidade e da vida afetiva de suas épocas (GINZBURG, 1989, p.63).

Incluímos a concepção de que uma multidão, uma situação, um navio de guerra ou uma multidão prestes a se juntar a uma rebelião podem ser personagens (DAVIS, 2000, p.5%). Com estes parâmetros analisamos representações como elementos que ligam imagens aos processos históricos, que atuam como uma coisa que está no lugar de outra, passando-se por ela, agindo como uma substituição, uma presença que não é o objeto da representação, mas que a mantém presente em signo (RANCIÈRE, 2010, p.92). Também compreendemos a representação como uma prática que usa objetos materiais e efeitos para produzir sentidos com função simbólica e que independem da qualidade material e da própria materialidade do signo (HALL, 2016, p.49).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estabelecemos um histórico da formação e da produção do Horror como gênero, partindo perspectiva da história do medo no ocidente, da sistematização de um sistema de conhecimento a partir da inquisição e da demonologia, o caráter de divisão da classe e da etnia deste processo, desaguando na a construção do estereótipo do sabá e a partir de uma linha similar produzida por eruditos iluministas de um controle da imaginação criativa, definindo limites entre natural e sobrenatural. Estabelecemos assim a relação da formação do Horror como gênero ficcional com a consolidação do Capitalismo e da divisão de classes e raças. Com a história do gênero primeiro na literatura e depois no cinema , introduzir o leitor na própria concepção do que é o Horror e sua participação no avanço do Capitalismo um aliado na sua construção enquanto ramo da arte e da própria indústria cultural. Com o parâmetro fornecido entre as diferentes produções em cada contexto, abrimos o caminho para explicitar o processo de ruptura a partir de uma inclinação classista da cinematografia do gênero, principalmente com a produção e o lançamento do filme “A noite dos mortos-vivos” (1968) de George Romero. Definindo a relação entre o gênero, a classe a raça, com a historicização de seus conceitos e de seu papel na contemporaneidade, historicizando o próprio gênero, estabelecemos a base para a definição da guinada classista como categorização de um fenômeno histórico, que se organiza na sociedade e na sua história, em cada contexto sendo parte da indústria cultural como um terreno de dominação e resistência, situando as mídias neste campo onde alternam-se opressores e resistentes, denunciante e defensores da aceitação (KELLNER, 2001,p.12).

4. CONCLUSÕES

As identificações da relação entre o Horror e a perspectiva da classe operária desde as publicações populares vendidas nas ruas de Londres do século XVIII, as *penny dreadfuls*, foram elementos positivos alcançados até o momento. Também alinhamos a partir da literatura, uma compreensão da trajetórias das representações no cinema de Horror e a guinada classista que ocorre a partir dos anos 1960 com uma politização efetiva das representações de classe, gênero e raça nas telas e páginas dos livros e como isso refletiu transformações políticas de cada contexto histórico.

A perspectiva do Horror como barômetro social, que representa nas telas e livros os medos sociais de cada período e cada sociedade, permitiu um avanço na própria análise das diferenças entre fotogramas de “Drácula, o vampiro da noite”(1958) e “A noite dos mortos vivos” (1968), que permitiram um princípio de análise de conteúdo que contempla a própria diversidade na produção de representações e representatividade a partir da guinada classista inaugurada pelo filme de Romero. A produção desta análise indicou um caminho analítico que compreende uma perspectiva geral das diferenças estilísticas de cada obra sob o ponto de vista de uma diferença de perspectiva de classe na sua produção e que tem resultado similar nas análises comparadas entre o filme de 1958 e obras dos demais cineastas analisados. Identificamos também a relação entre Horror como gênero canônico e estas transformações de estilo, linguagem e abordagens

cinematográficas e políticas como um elemento que permanece mesmo nas transformações radicais envolvidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Gabriel Elysio Maia. **Vampiros na França Moderna: a polêmica sobre mortos-vivos(1659-1751).** Curitiba: Appris, 2020. 213 p.
- DAVIS, Natalie Zeamon. **Slaves on screen: film and historical vision.** Toronto, On: Vintage Canada, 2000.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **História noturna: Decifrando o Sabá.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: Quatro Ensaios de iconografia política.** São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&a Editora, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Apicuri, 2016.
- MITCHELL, W.J.T.. **O que as imagens realmente querem?** In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 165-190.
- MITCHELL, W.J.T.; MARCELINO, L. **Showing seeing uma crítica da cultura visual.** DAPesquisa, Florianópolis, v. 5, n. 7, p. 239-258, 2018. DOI: 10.5965/1808312905072010239. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14090>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- PHILLIPS., Kendall R.. **Dark directions: Romero, Craven, Carpenter and the modern horror film.** Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2012.
- THOMPSON, E. P.. **A formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v. Tradução de Denise Bottman.
- THOMPSON, E. P. **A peculiaridade dos ingleses.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.
- WHITTINGTON, James. **Exclusive interview with George A. Romero.** 2008. Disponível em: <https://www.horrorchannel.co.uk/articles.php?feature=exclusive+interview+with+george+a.+romero&category=interviews>. Acesso em: 24 abr. 2022.